

# A Ortiga.

Sou herba bem conhecida.  
Nas folhas trago a peçonha,  
Capaz de tornar vermelha  
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

## O HOMEM DO SECULO. (1)

• Le premier devoir d'un prince est de  
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en  
• vain que les vieilles aristocraties multi-  
• plieraient leurs efforts pour s'opposer que  
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em S. Helena.

### CRISE MINISTERIAL.

Nós havemos dito em nosso artigo *Regresso*, que o Sr. Senador *Lopes Gamas* com a sua *moção* do dia..... de Agosto proclamou ao paiz que o governo tinha terminado sua carreira politica, e que estava sem constituição, e sem leis para poder continuar á governar a nação, que d'elle havia confiado. Esta nossa asserção, que pouco ou nenhum pêso mereceo aos nossos Estadistas, foi confirmada pela crise, em que se achou o ministerio desde essa celeberrima *moção*. O gabinete estre mecco, seus membros ficaram paralyticos, e a acção do governo desapareceo pelo descredito, em que cahio, desde que contra a opinião do ministro da Justiça, a camara vitalicia adoptou a *moção* do Sr. *Lopes Gama*. Causa admiravel e digna do sério reparo! O mi-

(1) Desde o dia 2 do corrente, que temos em nosso poder o presente artigo, mas não nos foi possível publical-o no n. antecedente.

nistro da Justiça, que deve fazer parte dessa commissão de *salvação publica*, repugna accetá-la, julga intempestiva, impolitica, e inutil semelhante medida; e com tudo, a maioria dos anciãos força esse membro do gabinete á servir contra sua opinião, ou retirar-se! Desde então declara-se o ministerio em crise; a acção do governo se entorpece; as transacções cessam, e o paiz em expectativa soffre; e de dia em dia marchamos á passos de gigante para o abismo, em que vamos nos precipitar, se continuarmos á marchar desta sorte. Cada dia, á maneira de leilão, se offerecem ao publico listas ministeriaes, ou como nas occasiões de eleições, cada partido faz figurar suas *chapas*. Este phenomeno, que estava reservado para apparecer na Regencia do Sr. *Araujo Lima*, indica, ou que o poder irresponsavel trahе os seus ministros, ou que elles zelam pouco o seu pondonor. Ou o Regente tem confiança no gabinete, ou não tem: se tem; como explicar-se o apparecimento d'esses *chargés d'affaires*, que abalroam á este e á aquelle, dizendo-se encarregados pelo Regente de *organizar ministerios*? Se não tem; como podem os actuaes ministros supportar, que se ande á *organizar ministerios*, sem sua sciencia, conservando-se ainda no poder? E no

caso de se desorganisar o ministerio, ficará algum do actual gabinete fazendo parte do que se houver de organizar, como se tem feito circular pela cidade?

Este boato he para nós destituido de todo o fundamento; porquanto não he possivel que haja hum homem, que tenha disposição de accitar toda, e qualquer combinação ministerial, que se lhe apresente, pois que não consta que nenhum membro do actual gabinete se tenha encarregado de escolher novos membros, que com elle formem hum novo gabinete. Ou os novos membros pensam, como o membro, que ficará, ou não pensam. Se pensam, necessariamente concluir-se-há que elles foram convidados, e escolhidos pelo membro restante, que se considerará o chefe ou o primeiro ministro; e então, o gabinete, assim formado, terá hum pensamento e poderá marchar. Se não pensam, como ficar no gabinete hum membro, que não estiver de accordo com os demais? Mas concedamos, que fique: que papel fará elle; que consideração merecerá de seos collegas, e de seos concidadãos? Não será elle tratado com menos preço pelos outros; não será entre elles representado, como hum homem que présa pouco a estima publica? Porem supponhamos que o que se proposer á ficar, não encontra ninguém que esteja disposto á servir com elle, e que os que apparecerem, merecerão a approvação do regente: não se retirará elle com ignominia, não se dirá, que não foi possivel achar quem o quizesse? Se tal acontecesse: que deszar não resultaria ao membro, que se propoessesse á ficar com quem quer, que se apresentasse; ou que fosse obrigado á retirar-se por não haver quem o quizesse? Nós não podemos imaginar, que se conserve no novo gabinete hum só ministro, que passasse do velho, sem que tivesse sido elle, que organisasse o ministerio, e que tivesse hum pensa-

mento, que fosse analogo ao dos seos novos collegas, ou estes se obrigassem, entrando, á ceder de tal ou tal principio, que não estivesse em harmonia com o seo, e o pensamento do regente.

Este miseravel estado de crise, preparado sem se saber porque, e para que, e em huma epocha desastrosa, em que a anarchia apparece por toda parte, e ameaça destruir o Imperio e suas Instituições: — em huma epocha, em que huma banca-rota se prepara com presteza: vem mostrar á Nação, que o homem em quem ella depositou o poder, tem perdido toda a confiança publica, pela sua falta de franqueza, de enérgia, e firmeza de character, para imprimir no governo, de que elle he chefe, a unidade, o pensamento, e o character proprio de governo, e principalmente de hum paiz, que não tem ainda esse cunho que distingue hum povo do outro povo: hum homem froxo, flemmatico, de hum character mais hollandez, que portuguez, e d'aquelles Portuguezes, que tudo fizeram por sua patria; homem á quem bem quadra o que do *Pedro, o brando*, dissera o Vate luzitano: —

» Que hum fraco rei, faz fraca a forte gente! »

E se o Regente não tem perdido a confiança publica; se n'elle não estão os males, que temos experimentado, com duas crises ministeriaes sempre preparadas por elle, e o Sr. Lopes Gama, que derrotou hum miuisterio, e que pôz outro *em detresse*; se o regente he necessariamente o homem do paiz: então devemos dizer, que esta paixão das almas nobres, que leva o homem á sacrificar-se pela sua patria, que o faz desprezar os commodos, e os prazeres da vida, e dar-se todo á patria; ou nunca existio em nossos corações, ou, se existio, foi em gráo tão baixo, que de todo se tem apagado, e desapparecido; e nestas circumstancias, digamos com o Sr. Montezuma: — que mais

conviria entregar as redeas do governo ao Imperador, do que deixarmos-nos governar por *crianças grandes* (les grands ansans de Voltaire). Ao menos os elementos do que se compõe a veneração que cerca o Monarcha, impediriam que Elle se parecesse com seos ministros; e a permanencia de sua dignidade faria com que todos os esforços de seos partidistas se dirigissem contra o ministerio.

Terminavamos este artigo quando se nos apresenta o J. do C. do dia 12 do corrente, trazendo a lista do novo gabinete; cahindo-nos das mãos o jornal, Escaparam-nos as expressões.... *parturient montes, nascetur ridiculus mus!*.... Causa espanto que depois de huns poucos de dias de crise, apparecesse a combinação ministerial a mais celebre que se dar pode! Causa espanto, que depois de tantos dias de expectativa, apparecesse hum ministerio, que ninguem entende, e que se nao entende elle mesmo!

Como explicar a junção dos senhores Lopes Gama com Alves Branco, e Ramiro? Como cazar o senhor Conde de Lages com o senhor Ramiro, e este como o senhor Roque? Que pensamento politico sabirá de entidades tão heteroganeas? O senhor Lopes Gama, cujas ideas anticonstitucionaes são tão conhecidas, como elle mesmo, sustenta, e sustenta afincadamente a reforma do acto adicional, contra as opiniões do Sr. Alves Branco no Senado, e do Sr. Ramiro na Camara dos Deputados: como se harmonizarão agora, para influir na discussão deste acto legislativo, para que passe, ou no sentido do Sr. Lopes Gama, ou no do Sr. Alves Branco? Retratar-se há hum, ou outro? Porem supunhamos que antes de se organizar o ministerio se fizeram as devidas transacções; provará isso muito character da parte d'aquelles, que cedêrão de sua opinião já emittida, para poder entrar para o Ministerio? E

quando mesmo todos os membros, de que se compõe o actual gabinete, tivessem o mesmo pensamento politico, poderá marchar com a energia, com o vigor necessario nas relações exteriores, fazendo respeitar a nação, e o governo, que ella tem escolhido, hum homem, posto que honesto, he, por assim dizer, assalariado pelo estrangeiro, e á cuja influencia deveo, em grande parte, a sua eleição de senador? Satisfará convenientemente os deveres do ministerio das relações estrangeiras, hum homem, que não falla, segundo se diz, senão a lingua materna; e que avesso ás instituções modernas tem de tratar com agentes diplomaticos, de governos constitucionaes, e republicanos? O Sr. Alves Branco d'agora será o mesmo que foi ministro da regencia trina, e da do Sr. Feijó? Será o mesmo homem que em cada ministerio, de que tem feito parte, he sempre hum homem novo? E o Sr. Ramiro será aquelle mesmo, que na Sessão de 1837 foi censurado pelo Sr. Rebouças, que poz patente todas as suas transacções, como empregado da Thezouraria da provincia da Bahia? Lavar-se-hia já das nodas, que lhe notou aquelle honrado, e insigne parlamentar? O Sr. Galvão depois de tantas apalpadellas, mostrou á final, que a sua finura não he tanta, como parecia mostrar com a sua hezitação. Segundo os estilos parlamentares, parece que o Sr. Conde de Lages não poderá continuar no Gabinete, huma vez que na camara temporaria não passou a sua emenda, feita no Senado, pedindo estrangeiros: as reflexoes á cima emittidas, antes que tivessemos conhecimento de huma tal combinação ministerial, são applicaveis assim ao mesmo Sr. Conde, como ao Sr. Roque: estes dois senhores não poderão, á nosso ver, ter nenhuma influencia no gabinete, huma vez que elles nenhuma tiveram na escolha dos outros membros. Entretanto como he de crer que

não passe na Assembla geral a medida reclamada pelo Sr. conde de Lages, por ser impolitica, e contraria aos sentimentos dos Brasileiros, que preferirão antes a anarchia, do que o azorrague do estrangeiro; he de esperar que o Sr. Ministro se retire, e se livre assim do dezar de continuar á fazer parte de hum tal gabinete, o tão celebremente organizado.

### TROPA ESTRANGEIRA.

Ha trez annos se discute no corpo legislativo, ora por proposta do governo, ora por indicações de alguns de seus membros, a necessidade de tropas estrangeiras no paiz, para com ella bater-se a anarchia, que ameaça dissolver a associação brasileira. Esta medida julgada indispensavel pela administração de 12 de Outubro, foi combatida pela opposição, que subio ao poder em 19 de Setembro, a qual conseguiu pelos seus esforços, rennidos aos dos que já não confiavam na existencia d'aquelle gabinete, fazer com que semelhante medida ficasse annullada: subindo ao poder, ella faz do Sr. *Ramiro parteira*, como se exprimira hum illustre parlamentar, e por meio d'huma emenda deste Sr., que he o actual ministro da justiça, revive a idéa do Sr. senador Saturnino, orgão do gabinete de 12 de Outubro. Então a medida, que ella julgava antinacional, perigosa, e inconstitucional, tornou-se nacional, patriótica, e propria para conservar a paz, a ordem, e o systema monarchico constitucional, que nos rege: e os homens descidos do poder, e os que os sustentavam, tomaram os postos deixados por aquelles, e guerrearam a medida por elles proposta e reclamada, como util, e necessaria! Em 1839, trez annos quasi, depois da proposta apresentada pelo Sr. senador Saturnino, revive inconstitucionalmente no senado a mesma idéa que havia sido despres-

da este anno pelos proselytos do gabinete de 19 de Setembro, e outros que ora approvarão, ora desapprovarão a medida, segundo as pessoas que a reclamaram!

Desta falta de fé, desta deslealdade, desta dobrez de oppiniões disparatadas, hoje sustentadas, amanhã combatidas pelos mesmos homens; tem resultado essa especie de pouco preço, ou desprezo com que o povo começa a olhar seus representantes: he d'essa incoherencia, he d'essa miseravel maneira de combater seus adversario, que vai nascendo o desamor, o descredito em que vai cahindo o systema constitucional. Digam antes os representantes da nação:— Essa medida, que nos propõe o governo, he boa, he justa, nós approvamos; porem julgamos o incapaz de a excutar bem, e por isso lha negamos, preferindo sofrer as consequencias de hum mal chronico, do que entregar-nos a empyricos, ou estupidos charlatães.— Porem, dizer hoje, que tal medida he má, não por ser má, mas porque tal individuo a quer, e julga-a excellente amanhã; não por ser excellente, mas porque tal outro a procura... isso he desmoralisar a nação, e expor-se ao desprezo! Ou huma medida he má em sua essencia, e então negue-se ao governo; ou ella he boa, e então se lhe conceda: e se elle abusar d'ella, e excutal-a contra os interesses do paiz, punam o na conformidade das leis, ou lhe não confiem nenhuma outra que reclame: e tudo quanto não for marchar deste modo, cremos, que nem governo, nem camaras possam contar com a confiança do povo, que já bem pouco espera de hum e de outras.

Nós pois que temos a fortuna de não sermos conhecido, e que temos outra ainda maior de não termos representado ora huma, ora outra opinião, segundo novos interesses; podemos com franqueza emittir o nosso juizo sobre a admissão de tropas estrangeiras no paiz para debellar nossos concidadãos.

Respeitamos a decisão da Assembleia geral, curvamo-nos debaixo do pezo de sua autoridade; porem permitta se nos o desabafo de hum coração, que ainda sente, que ainda bate por sua patria. Possa esse fogo sagrado, que o alimenta comunicar a sua chama ao coração do resto dos Brasileiros, que dormem o somno da morte, e que no seo desperto possam dizer: — Que he da patria! onde estamos nós... que gente he esta, que nos guarda; que linguagem he esta, que ouvimos? he sonho ou realidade? sim, he huma triste realidade!... nós dormiamos, quando se poz para guardarnos esta gente, que não nasceo entre nós; que nao foi aquecida, ao nascer, pelo sol brilhate, que faz tão bella a nossa terra; que não sente como nós, que não tem no nosso paiz, senao a esperança vil de achar hum interesse, ainda tirando a nossa vida e a nossa liberdade!... Acordai, filhos, circundai vossos paes, abraçai vossos irmãos, e repilamos esses vis mercenarios, para longe de nós, elles e os que os trouxeram! Acordai, filhos circundai vossos paes, abraçai vossos irmãos, e tomai conta de vossa patria! eia..... e senão de hum povo livre vos tornarão huma horda de Parías proscriptos!

Mui habeis e mui distinctos oradores em huma e outra camara, e depois em Assembleia geral, imittiram sua opiniao sobre a introducção de força estrangeira de huma maneira tão precisa, tão clara, e em termos tão vehementes, que não passa de huma temeridade o querer discutir de novo huma materia, que posto que decidida, ainda o paiz tem direito de julgar della, mesmo quando ja estivesse sancionada pelo outro ramo do poder legislativo, que tem de he dar o caracter de lei.

O dia, em que entrar huma força estrangeira no paiz, reclamada, e sustentada pelo seo governo, será aquelle em que se porá termo ao systema do governo, que felizmente nos rege: esse

dia fatal será aquelle, em que cada demagogo hasteará sua bandeira, e dirá: Brasileiros! vosso governo ja não confia em vós; elle tem desligado de vós os seus interesses; hum tal governo ja não vos representa, elle não vos ouve, não vos consulta, e não conta com vossa approvação: retirae a delegação que lhe confiastes e salvemos a patria, que elle entrega aos estrangeiros; aliberdade, que elle detesta, e a honra, que elle despreza, desprezando vos á vós! salvemos a honra e a liberdade, com a honra e a liberdade salvaremos a patria, e faremos governo que nos governe, e nos não avilte, entregando-nos ao azurrague do estrangeiro, que á ponta de seo chicote nos dê *modelo* de moral, e de virtude; *modelo* de civilisação e de costumes; *modelo* de artes e sciencias. *modelo* de crapula, e de toda sorte de vicios: *modelo* de roubo e de assassinio; *modelo* em fim de depravação de costumes em todo o sentido!... Salve-se a patria, salve-se a honra nacional, e desapareça d'entre nós tal governo, e os principios, que elle prega e sustenta!

Que se peça ás nações alliadas auxilio de forças, quando inimigos externos tenham invadido alguma porção do territorio, e que au.eacem conquista-la; então nada de mais justo e de mais natural: porem em huma guerra de filhos contra paes, e de paes contra filhos, de irmãos contra irmãos chamar-se estrangeiros para açoitar e degolar os filhos por mandato dos paes; para açoitar e degolar os paes por mandado dos filhos, e os irmãos dos irmãos... Oh! horror! Esfria se-nos o coração, gela-se-nos o sangue nas véas só com a ideia da possibilidade de se pôr em pratica huma semelhante medida! Mudem os ceos antes os destinos do Brasii, do que sugital-o á huma tal injuria! Desappareçam antes as instituições, que nos regem, se para sustental-as he necessario o braço estrangeiro! siquemos antes conhecidos como incapazes de ser huma nação livre

e independente, e entregues á presa da primeira nação da Europa, que se digna de reduzir-nos ao estado de colonia, e governar nos, como lhe aprouver; do que com titulo de nação sujeitarmos nos á injuria de nos vir estrangeiros sustentar nossas leis, e nossas instituições politicas! Sejamos antes hum povo conquistado, que se sujeite ás leis de seo senhor!

» O espirito democratico se desenvolve por toda parte; os Brasileiros tendem muito para o republicanismo; he necessario que tenhamos força composta de gente afeitada ás instituições monarchicas, e que as aprecie, para sustentar a monarchia »... Ai da monarchia, quando o paiz a não quizer! ai da monarchia, quando para sustental-a formister bayonetas estrangeiras! ai das instituições de hum paiz, quando para mantel-as se recusem os braços dos naturaes! Sirvão-nos de exemplo as monarchias, que tem desaparecido das nações, onde reinavam com splendor, e que em vez de consultar a *parte forte* dessas nações e unir-se á ella; preferiram appoiar-se na força estrangeira! Ellas e os seus estrangeiros, objecto do favor do povo, desfizeram se, como o fumo! Que foi feito desses batalhões estrangeiros, que os conselheiros de D. Pedro I.º fizeram vir da Europa para dar cabo dos republicanos? Quaes forão os batalhões, que primeiro arvoraram o estandarte da indisciplina e da insubordinação? Não foram esses batalhões *modelos*, que assassinaram seo chefe, desobedeceram á seus officiaes, e poseram em consternação toda esta capital? Não foram esses *modelos* os primeiros, que mostraram aos soldados do paiz, que nunca desobedeceram á seus chefes, que era possível matar seus officiaes, quando não lhes satisfizessem os caprichos? Sim foram: e quem os compellio á entrar no dever; não foram os *miseraveis* milicianos de Minas, e a cavallaria d'aquel-

la provincia, e a artilheria da corte, composta *dessas fezes* da sociedade Brasileira, que *faz vergonha* olhar-se para ella? Não foram até os moleques das ruas, que os fizeram retroceder para o campo de Santa Anna, donde tinham sahido com o intuito de assaltar o banco? *Modelo* de que forão elles no paiz? *Modelo!*... de *modelo* poderia ter servido o batalhão do Imperador, commandado por hum dos mais distinctos, e mais habéis militares Brasileiros, pelo qual se deveram modelar todos os militares! De *modelo* serviria esse digno corpo de paizanos, que são o exemplo da disciplina, da subordinação, e da honra militar; esse corpo de permanentes, emblema da população do Brasil, e que, aproveitados discipulos, seguem as pizadas de seo mui distincto e honrado chefe, hum das mais brilhantes estrellas do nosso exercito, e hum dos mais bellos ornamentos da familia Lima, arvore fecunda donde tem brotado tantos illustres guerreiros! Esse illustre chefe, e os jovens officiaes, tao cheios de brio, e de honra, como o seo commandante, e muitos outros dignos, habéis, e muito honrados militares do nosso exercito, são mais que capazes de disciplinar os nossos soldados, que tem *tambem dois pés e duas mãos*, como os soldados europeos, e hum cabeça de mais facil concepção, do que a dos homens, que em qualquer parte da Europa são recrutaveis para o exercito, principalmente em Portugal, Hespanha, e ao norte da Europa, onde o baixo povo he quasi tão boçal, como os africanos: temos felizmente visto a Europa, e fallamos com conhecimento de causa! Basta de se nos insultar todos os dias com os *modelos* da Europa! abracemos della tudo, quanto ella tem de bom, e rejeitemos os seus vicios, e as suas fezes.

O governo julga que a força do paiz não lhe pode bastar para seus fins, e cria hum *necessidade*, que elle só e seus

partidarios conhecem, e della fazem huma lei para poder governar, fazer vigorar as instituições; e como julgam que a medida he *util*, não curão de saber si he *justa*: em hum seculo de philosophia a civilização n. o pode fazer aliança com huma politica, que prefere as lições de Machiavel ás de Montesquieu. Se o justo e o injusto devem ceder ao principio de utilidade, qual será a balança para pesar as acções dos homens? Ellas não poderão mais ser julgadas pela regra do bem e do mal; ellas se resumiram em successos e revezes: todos os direitos pertencerão á força e á fortuna; os facciosos e conjurados se ampararão destes principios, e se armarão com elles contra os que o tiverem erigido em leis. Os individuos de opiniões oppostas se crerão tão autorizados á derribar o governo, que lhes desagrada, como este se crê autorizado á destruir todas as opiniões, que o embaraçam: os principios são da mesma natureza. Argumentando-se pela força, só se acha no erro, o que he fraco. A razão e o direito estando na victoria, não se tratará se não de obtel-a; chegar se-ha á isso, perseverando no combatte, e aquelle, que não reconhecer outra lei, que a força, se achará duas vezes vencido pelo seu inimigo pela sua propria logica. Mas que importa á moral o exito desses combates! São ruinas por ruinas, em que a virtude publica não tem parte, nem interesse. Nestes successos ou nestes revezes a lei moral está auzente; a fortuna so ahí preside. Si tudo no homem publico deve resolver-se pelo principio de *utilidade*; tudo igualmente se reduz á isso no homem privado. Não há duas regras em moral; se as houvessem, não haveria nenhuma. Hum governo, que dissolve ou ameaça todas as existencias, pode exigir, em nome da lei moral, que se respeite á sua? Aquelle que por sua razão de *utilidade*, recorre á destruição, pode reclamar para si a lei da conservação? Eis aqui

como os principios trazem suas consequencias. O violador do direito das gentes põe-se fora da lei das nações. O governo justamente accusado refugia-se na lei da *necessidade* e lança sobre ella a responsabilidade de sua conducta e de suas obras. A *necessidade* tem sem duvida suas tyrannias; mas o genio e a virtude raramente se submettem á ella. Como ella tem o dobrado caracter do bem e do mal, da gloria e da honra; pertence á honra o decidir se convem ceder-lhe, ou resistir-lhe; porem em caso algum o interesse ou a ambição podem allegar a lei da *necessidade*. Henrique IV cedendo á religião de Roma para pôr fim ás guerras civis e poupar o sangue dos povos, se fíreo seo imperio. A lei de humanide, que he a lei suprema, lhe faz disso hum dever: mas, se algumas vezes a necessidade he assás soberana para se fazer obedecer; o mais das vezes ella se arranja sob os grandes caracteres: ella cahe diante de nobres resistencias, e muitos corações magnanimos tem sabido triumphar della... Perante a virtude de Luiz IX em suas prisões da Azia, ella dobrou-se: não pôde arrancar-lhe huma concessão contra a honra.

Si o governo tem hum fim occulto, que procura conseguir com bayonetas estrangeiras, por que não conta de alcança-lo com as nacionaes; não injurie a nação, fazendo dizer pelos seus clientes que essas forças estrangeiras, que esses mercenarios, vem sustentar a Monarchia! Justificar-se deste modo, he confessar-se inhabil para regular as inclinações de hum povo: he fazer huma grande afronta á hum povo civilizado, que preza seu brio e sua honra nacional, o declara-lo incapaz de regra e de razão, e mostra-lo menos apto que Scythas ou Tartaros. Si aquelles, que o conduzem, fossem capazes de imprimir-lhe inspirações magnanimas; elle se elevaria de Huns á generosos Romanos dignos de grandes acções. O

genio, que sabe ampar-se de sua imaginação inflammavel, pode imprimir-lhe o character, que elle quer. Digamos com Mr. Pavillon á respeito da França, que o *Destino do Brasil depende unicamente da cabeça, que o governa.*

### O HOMEM DO SEculo.

#### LOUVOR A' QUEM O MERECE.

Ainda que não seriam precisos os artigos publicados nesta folha, e no *Monarchista*, para que o governo actual não deixasse sem recompensa o merito; todavia, temos o praser de annunciar á nossos leitores que o Sr. Conego Januario foi o escolhido para o lugar de Bibliothecario, apesar de teimosos pretendentes; huns que se não contentavam com a honra de senadores do imperio, e que mendigavam aos pés dos ministros e do regente hum emprego de 800:000 rs.!!! outros, que, sem habilitações, alardeavam o valor de poderosos patronos; mas não havendo *camarilha*, neste momento, o governo, á cuja testa se acha o Sr. Galvão, escolheu o Brasileiro que mais titulos apresenta como litterato para chefe daquelle repartição.

Por esta vez estamos completamente satisfeitos; porem outra questão de não menor interesse, e de toda a justiça, occupa a attenção publica, por se achar ainda pendente do governo a sua decisão. Oxalá que nós possamos fazer, e breve, felicitando ao justo, o devido elogio á quem o merecer!!!

#### ORTIGADAS.

— Alviçaras! alviçaras! O Sr. Menezes (que não he desses á quem falta o dinheiro ás vezes) mandou citar os vereadores da camara municipal para ouvirem jurar testemunhas respeito ao facto, virgem na historia do Brasil, da sua expulsão. Oh! se se deixasse passar o precedente, teriamos de ver

coisinhas galantes nas nossas municipalidades! Mas, que vergonhas para o seculo das luzes!!!

— Corre por certo, que, perguntando-se ao Mello porque não mandou pôr cortinas nas janellas da camara, no dia sete de Setembro, Anniversario da Independencia, consta que S. Ex. respondêra: — Tive medo que me accusassem por mais essa *fuchina*. E depois: — Fez a camara algum caso desse dia? Pedio ella ao menos luminarias, como costuma no 2 de Dezembro? Pois si os *notos* que lá estão não se importaram com elle, menos eu, que estou livre d'esse peccado.

— Quem quizer tomar lições de orçamentos de despesas para *fuchinas publicas*, dirija-se á camara dos Lords municipaes (os Pares de França), porque ahi achará quem avalue por 10, para pilhar, e despenda 100, para cuscar.

— Perguntando-se a hum Sr. representante, animado do fogo sancto do amor da patria, se estava resolvido á votar pelo credito que o governo pede, respondeo S. S. — E que remedio! se o thesouro não tem dinheiro para pagar os nossos subsidios!!!

— Como se esteja em duvida á respeito do *desafio* que teve lugar entre os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Valente (conde do rio pardo) e marechal Elzeario (a gloria militar do sul) no morro de Santa Thereza; deseja-se saber com certeza quem foi o heróe que mais brilhou na scena da tragedia, para receber do publico as honras das *palmas*.

— Trez crises tem posto em coacção o publico nestes ultimos dias; — a *politica*, a *financiera*, e a *theatral*. Felizmente parece que as coisas se vão acomodar, ficando apenas o *patriotismo* obrigado a pagar as custas.